



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

ADEILSON DOS SANTOS PUGAS

**TOQUES, DOBRES E RELIGIÃO: ESTUDO DOS SINOS DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA.**

Cachoeira - BA

2013

ADEILSON DOS SANTOS PUGAS

**TOQUES, DOBRES E RELIGIÃO: ESTUDO DOS SINOS DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA.**

Monografia ao Curso de Graduação em
Museologia, Universidade Federal do Recôncavo
da Bahia, como requisito para obtenção do grau
de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Cristina Ferreira Santos de
Souza.

Cachoeira – BA

2013

ADEILSON DOS SANTOS PUGAS

**TOQUES, DOBRES E RELIGIÃO: UM ESTUDO DOS SINOS DA IGREJA MATRIZ DE
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA.**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau em bacharel em museologia, curso de graduação em museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

BANCA EXAMINADORA

Professora Ms. Cristina Ferreira Santos Souza – Orientadora

Bacharel em Museologia – UFBA.

Mestra em História UFBA

Ana Paula Soares Pacheco

Mestra em Ciências da Arte pela Universidade Federal Fluminense

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Alfredo Pinto da Silva Júnior

Graduado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

“Nem sempre podemos construir o futuro para nossa juventude,
Mas podemos construir nossa juventude para o futuro”.

Franklin Roosevelt

AGRADECIMENTOS

À Deus pai todo poderoso, que permitiu que este momento acontecesse. A Nossa Senhora do Rosário, grande Mãe e padroeira nossa, minha sede da sabedoria. Agradeço aos meus pais Antonio Felix Pugas e Olga Maria dos Santos Pugas que sempre me estimularam e com sua delicadeza e bondade me mostraram o verdadeiro caminho a seguir, e com seu exemplo me ensinaram a amar. A meus familiares, aqueles que sempre confiaram em mim. A Maria Amor, o presente de Deus para comigo, sempre presente, estava próxima nos momentos de estudos e nas alegrias do convívio. Aos Padres Hélio, Cid e ao Monsenhor Neiva, verdadeiras testemunhas de Jesus em minha vida. A professora Cristina Ferreira pela dedicação em orientar meu trabalho. A Colega Aline Gomes, amizade construída e edificada em Cristo. Agradeço também ao Seminário Central da Bahia São João Maria Vianney pela compreensão de finalização de curso, ao propedêutico 2013 a paciência do formador Padre Elton Santana, o incentivo do Padre Adriano Portela, ao auxílio da professora Marize Pitta pela correção ortográfica e a ajuda do amigo Marcos Paulo Santana que contribuíram para o bom êxito deste trabalho.

PUGAS, Adeilson dos Santos. *Toques, dobres e religião: Um estudo dos sinos da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira- BA*. 51 f. il. 2013. Monografia (Graduação) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2013.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os sinos da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira no Recôncavo da Bahia. Durante a pesquisa, buscamos investigar documentos que revelam a salvaguarda do patrimônio imaterial e o sino como objeto museal, observamos o contexto histórico da Igreja Católica até chegarmos especificamente em Cachoeira no seu contexto religioso. Vemos a utilização dos diversos toques e buscamos fazer um estudo de memória. Verificamos que atualmente acontece uma grande atualização dos toques dos sinos da Matriz de Cachoeira, a partir do estudo realizado.

Palavras- chave: Sino; Memória; Irmandade; Igreja Matriz de Cachoeira; Religiosidade.

Summary:

The aim of this work is to analyze the bells of the Church of Nossa Senhora do Rosário city of Cachoeira in Bahia Reconcavo. During the research we investigate documents that reveal the safeguarding of intangible heritage and the bell museum object as we see the historical context of the Catholic Church until we specifically Waterfall in its religious context. We see the use of different tones and seek to make a study of memory. We note that currently happens a major upgrade of the rings bells Matrix Waterfall from the study.

Keyword: Bell; Memory; Fellowship; Church of Waterfall; Religiosity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1- Capítulo –	
Análise da legislação do patrimônio material e imaterial enfocando os sinos como objeto museal.....	8
2- Capítulo –	
O Catolicismo baiano e suas práticas religiosas da Igreja, religiosidade no período colonial.....	15
3- Capítulo – Os sinos da Matriz, história, utilização, e comunidade.....	25
3.1 Contexto histórico.....	25
3.2 Devoção a Nossa Senhora do Rosário.....	28
3.3 Sinos e as duas torres da Matriz.....	30
3.4 Procedimentos de documentação dos sinos.....	33
3.5 Sinos e estudos específicos.....	37
3.6 Identificações das diferenças dos toques.....	42
3.7 Estudos de memória.....	42
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

Neste trabalho iremos aperfeiçoar nossos estudos acerca dos sinos e seus toques como patrimônio imaterial existente na cidade de Cachoeira, que são importantes tanto para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário como para a comunidade. Estando inserido no campo da Museologia como pesquisa de acervo sacro tentará buscar mecanismos de salvaguarda, através de estudos específicos acerca do objeto também registros e pesquisas de pessoas da comunidade, sobre a história local levando em conta a utilização dos sinos no cotidiano da comunidade. Percebemos desta forma, que buscaremos métodos disponíveis para registrar o conhecimento relacionado aos sinos, sendo este detentor de identidade cultural.

Observando as tradições existentes na cidade de Cachoeira, percebemos que a comunidade e os órgãos públicos não estão se preocupando com o fortalecimento da identidade sociocultural, mesmo tendo leis que regem esses devidos conhecimentos, é visto na sociedade cachoeirana os mesmos e seus costumes. Um conhecimento importante que devemos voltar nosso olhar é os toques dos sinos, existentes ainda hoje de maneira tradicional em Cachoeira. Contendo uma diversidade de toques e sendo característico do lugar.

1- ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL ENFOCANDO OS SINOS COMO OBJETO MUSEAL.

Neste capítulo iremos enfatizar os estudos, acerca da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, para melhor compreendermos os aspectos culturais de cunho imaterial que estão relacionados às manifestações religiosas; no âmbito deste trabalho, salientamos nosso objeto de estudo, os sinos de que, no seu enfoque imaterial, analisaremos os toques.

Sobre o objeto enquanto mediador revela-nos que ele passou a ser um elemento fundamental do nosso ambiente. Este intervém como um prolongamento do ato humano, como ferramenta, instrumento de ação, ele deverá inserir-se numa praxeologia¹. O objeto revela a sociedade nas progressivas transformações, além de ser construtor do ambiente cotidiano, sistema de comunicação social, carregado de valores. O objeto mediador social tornou-se essencial ao corpo social, este serve de mediador entre as situações e os atos assumindo uma função: ferramentas e produtos. O objeto atual é o mediador entre o homem e a sociedade fortemente, em relação a períodos anteriores que são testemunhas da existência industrial - tecnológica de outros seres humanos, o objeto é comunicador e portador de signos.

“Este objeto inserido no ambiente íntimo (como a minha esferográfica ou a minha lâmpada de escritório) pertence essencialmente a este *Universo da vida cotidiana* sobre o qual Lefebvre, entre outros, chamou a atenção mostrando como há uma promoção da vida cotidiana atrações da massificação da vida socializada, que aumenta a distância social e enfraquece a presença humana, criando uma espécie de vida social contemporânea que os objetos vão preencher. Digamos que, se a natureza humana tem horror do vácuo, e se a bolha fenomenológica² do ambiente do qual ela é formada está fechada e se acha, como resultado da reificação³ tecnológica das relações sociais, esvaziada de seu conteúdo humano, o homem sentirá a tendência a preencher este vazio por uma revalorização dos elementos ditos ‘materiais’ do seu ambiente” (MOLES, 1981, p.11).

¹ Praxeologia: É o estudo dos fatores que levam as pessoas a atingir seus propósitos. Portanto trata-se da ciência ou a teoria geral da ação humana.

² Fenomenologia: É o estudo dos fenômenos.

³ Reificação: É uma operação mental que consiste, em transformar conceitos abstratos em realidades concretas.

Podemos perceber também, que muitos dos objetos produzidos pela humanidade nas gerações passadas estão salvos, hoje, por estarem em museus, instituições e coleções particulares. Um importante fator que influenciou na sobrevivência de objetos foi a conservação constante nos mesmos em estado de deterioração nos museus. Assim, quando um objeto chega à determinada instituição, estando em mau estado de conservação. O setor competente cuidará da peça com alguns mecanismos para sua salvaguarda.

Vemos que a cultura é impregnada de materialidade e imaterialidade, percebemos que, por parte dos autores que desenvolvem estudos sobre a cultura, é difícil dar uma definição correta ao termo. É importante salientar o contexto da produção e dos avanços da noção de cultura material; um avanço importante deu-se ao longo do século XIX, através das rupturas feitas com a Arqueologia, esta, por sua vez, produz ricas fontes para a compreensão da sociedade nos diferentes tempos. Uma primeira característica que se relaciona à própria definição de cultura na acepção dada pela Antropologia, ou seja, refere-se ao coletivo, ao majoritário, em oposição ao individual e daí decorre o segundo aspecto, ou seja, ao referir-se à coletividade, preocupa-se com o não acontecimental. Isto quer dizer que se dedica a observar o que é estável e constante num grupo, numa população em seu dinamismo social. Outra característica presente na noção de cultura material é que o seu estudo tem como fonte básica os objetos concretos, aproximando-se dos procedimentos arqueológicos, assim, o objetivo é reconstruir e explicar o ambiente que os originou, um problema enfrentado pelos marxistas,⁴ na medida em que foram percebendo a necessidade de articular a produção material com as formas de sua apropriação, implicando rever as dimensões deterministas, embora ainda de forma imprecisa.

Levando um sino para uma exposição ou servindo de acervo para um museu, deixa o objeto de ser comunicador direto com a sociedade, saindo, assim, do seu contexto e significando, um objeto transmissor somente de sua história, restrito a um museu.

Podemos observar que os sinos têm marcas específicas de memória, sendo que revelam a vida de seus produtores e usuários originais. O sino é carregado de sentidos, desde a chegada deste num determinado período para o lugar de origem, fazendo alusão às épocas passadas e a quem era destinado, pois a maioria deles pertencia a grupos religiosos e irmandades a que se destinava a utilização deste.

⁴ Marxismo é o conjunto de ideias filosóficas, econômicas, políticas e sociais elaboradas primariamente por Karl Marx.

Para aperfeiçoar nossos estudos acerca do objeto sino, veremos o que nos dizem as leis da Constituição de 1988 acerca de um objeto que é patrimônio visível de uma comunidade e perceberemos que o Ministério da Cultura está atento às formas de expressão e com ele todos os procedimentos considerados patrimônio imaterial.

Analisando a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, podemos observar, no artigo 215, que o Estado apoiará e estimulará a propagação das manifestações culturais, protegendo as manifestações culturais populares, fortalecendo e dando acesso à comunidade às fontes da cultura nacional. Deste modo, percebemos que o Estado se preocupa em manter vivas as tradições de um determinado local, não só se preocupando com patrimônios materiais como sobrados, Igrejas e monumentos, mas toda manifestação herdada por ancestrais e que possui características peculiares à nossa identidade, o patrimônio imaterial. “O estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (CONSTITUIÇÃO, 1988, p.35)

Embasados no artigo 215, observamos que podemos visualizar o sino como objeto museal e, registrando seus toques, iremos documentar seu modo de fazer, possibilitando com que a sociedade se conscientize desse patrimônio, pois fortalece nossa identidade. Os objetos museológicos são veículos de conhecimento, eles transmitem uma mensagem, são carregados de sentidos e significados, utilizando a documentação com bases para transformar estes em fontes de pesquisas. Vemos o sino como fruto do trabalho humano carregados de vestígios materiais do passado transmitindo ações e reações com a comunidade local.

“Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências a identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira,” (CONSTITUIÇÃO, 1988, p.35)

No artigo 216, a Constituição revela que o patrimônio tanto material como imaterial são referências para a identidade, pois são formas de expressão, modos de criar, fazer e viver, edificações e demais espaços destinados a manifestações artísticas culturais. Os sinos, neste aspecto, têm ampla relevância, sendo assim são possuidores tanto do patrimônio material, estando envolvido num contexto como numa Igreja antiga que precisa ser preservada para as gerações futuras e os sinos fazem parte dessa estrutura, por estar

englobado nos bens desta igreja, o próprio sino que também deve passar por um processo de conservação para o aumento da sua vida útil. No cunho imaterial só quem pode dar sentido ao instrumento é quem o escuta e reconhece a diversidade de seus ritmos e toques e quem o manuseia. Neste caso, o sineiro que carrega variados toques e seu modo de fazer deve ser salvaguardado; para que outras pessoas possam aprender esta técnica e que a mesma não se extinga.

No artigo 216, é relatado que contaremos com a ajuda da comunidade para a salvaguarda do bem:

“O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meios de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação”. (CONSTITUIÇÃO, 1988, p.35)

Ressaltando que a comunidade local tem um importante papel, para que determinado patrimônio tanto material como imaterial seja perpetuado. Pois a comunidade existente irá comunicar-se com o seu patrimônio, seja direta ou indiretamente, e conscientizando-se de que este bem não eleva determinado grupo a ele destinado, mas sim, valoriza a região em que está presente especialmente quem habita a localidade.

Podemos observar que as principais cidades de um determinado local são marcadas por antigas povoações e, conseqüentemente, na historia destes antigos povos, temos alguns resquícios de um forte traço das épocas passadas, que são suas moradias e centros urbanos hoje conhecidos como centros históricos.

Podemos observar que a figura memorial revela-nos um monumento histórico, contendo um papel memorial, sendo desta forma um monumento intencional; no pensamento de Ruskin. De hipótese alguma, se pode descaracterizar as cidades antigas. Pois em seu pensamento, devemos habitá-las como no passado, sendo considerada referência para nossa identidade. Recusa-se a se condescender com a modernização do espaço especificamente as cidades antigas, tentando viver o centro histórico na contemporaneidade.

“O progresso técnico modela nosso mundo – ele confere ao espaço urbano construído uma extensão e uma escala sem precedentes e lhe atribui novas funções, entre as quais o prazer estético parece não ter mais lugar. ‘São, antes de tudo, as dimensões gigantescas assumidas por nossas grandes cidades que rompem, por toda parte, o limite das formas artísticas antigas (...); o urbanista, da mesma forma que o arquiteto, deve elaborar uma

escala de intervenção adequada à cidade moderna, de vários milhões de habitantes (...)'." (CHOAY, 2001, p.183,184)

A conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura se pronuncia sobre as dificuldades de salvaguarda do patrimônio imaterial, assim podemos entender que é bem mais fácil e eficaz proteger um bem de cunho material do que imaterial, pois, para a manutenção do bem material precisa-se de uma avaliação, disposição de recursos financeiros e tudo o que compete aos órgãos de preservação. Já o patrimônio imaterial de certa forma se distancia desta realidade, o cuidado para mantê-lo precisa ser de um grupo atuante, que tenha consciência de que aquele saber, modo de fazer ou manifestação, seja ela de cunho religioso ou profano, é formador de identidade e que precisa ser mantido para as novas gerações. Mas nem sempre isso acontece, a tecnologia e muitos outros meios podem ajudar na preservação mas também podem prejudicar.

“Reconhecendo que os processos de globalização e de transformação social, por um lado cria as condições de um diálogo renovado entre as comunidades, por outro também dar origem, bem como o fenômeno da intolerância, graves ameaças de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, em particular devido à falta de recursos para a salvaguarda, reconhecendo a vontade universal e da preocupação comum de salvaguardar intangível o patrimônio cultural da humanidade (...)" (CONVENÇÃO DA UNESCO, 2003, p.1)

Podemos perceber nesta conferência, que os Órgãos estão preocupados com os métodos de preservar as manifestações relacionadas à cultura imaterial, isso a partir de uma tendência de perda de manifestações, ocasionadas pelo descrédito da sociedade e supostamente influenciadas pela tecnologia vigente.

Sobre a documentação de um objeto, podemos perceber que o levantamento feito sobre a peça é muito importante, pois ele servirá de registro sobre aquele objeto, podemos perceber que todo registro feito sobre o objeto é um documento. Percebemos, que os objetos museológicos são veículos de informação, tendo uma vasta comunicação entre os profissionais e aqueles que se interessam pela mensagem transmitida pelo objeto.

Notamos que os objetos são lembranças do potencial do trabalho humano, que revelam resquícios do passado do homem em determinado período da História. Portanto, sendo possuidores de memórias, é necessário fazer um estudo específico e investigar seus significados em seu ambiente de origem ou como chegou a determinado local, levando em

conta seus principais atributos para uma correta e adequada pesquisa, tendo como alvo ser um documento específico do objeto estudado.

“Segundo a profa. Waldisa Rússio, a Museologia tem por matéria de estudo a relação entre o homem / sujeito e objeto / bem cultural, num espaço cenário denominado museu. Do mesmo modo, o conceito de documento aqui adotado –“aquilo que ensina” (doccere) – surge a partir da relação que se pode manter com o documento / testemunho. Vale repetir que objetos só se tornam documentos quando são interrogados de diversas formas, e que todos os objetos produzidos pelo homem apresentam informações intrínsecas e extrínsecas a serem identificadas.” (CÂNDIDO, 2006, p.35)

As informações intrínsecas são aquelas subtraídas diretamente do objeto estudado, considerando seus atributos, tendo um olhar para dentro, visualizando propriedades físicas. Já as informações extrínsecas são estudos do objeto, que as fontes não sejam o próprio objeto, mas o discurso acerca do objeto, sendo informativos documentais e contextuais, tendo um olhar para fora, visualizando funções e significados. Sendo desta maneira todo bem cultural processado do ponto de vista museológico a partir de suas características.

“Os atributos intrínsecos dos artefatos, é bom que se lembre, inclui apenas propriedades de natureza físico-química: forma geométrica, peso cor textura, dureza etc. etc. Nenhum atributo de sentido é eminente. O fetichismo consiste, precisamente, no deslocamento de sentidos das relações sociais – onde eles são efetivamente gerados – para os artefatos, criando a ilusão de sua autonomia e naturalidade. Por certo, tais atributos são historicamente selecionados e mobilizados pela sociedade e grupos nas operações de produção, circulação e consumo de sentido. Por isso, seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos.” (MENEZES, 1994, p.3)

O processo tem que ser registrado para ele ser um patrimônio imaterial. O acervo material é o registro dos saberes dos fazeres e de outros passos. O registro do acervo material é feito através da imagem, do som, e da forma mais antiga que é a escrita. Podemos citar dois tipos de registro: o arrolamento o inventário e; para o registro do patrimônio imaterial utilizamos como suportes CDs, fitas de vídeo, fotos, gravações e todos os métodos disponíveis para memorizar a expressão que será registrada como bens de natureza imaterial no livro competente sendo ele Livro do Registro dos Saberes, Livro do Registro das celebrações, Livro do Registro das Formas de Expressão, Livro do Registro

dos Lugares. A Metodologia usada será a descrição pormenorizada acompanhada de documentação.

Na composição de um Dossiê, iremos pelos seguintes passos: a localização geográfica da forma de expressão e das comunidades abrangidas na pesquisa, periodicidade da forma de expressão cultural e referências históricas recentes, história desenvolvimento e função social. Na descrição técnica, vemos o estilo, gênero, escola, e influência.

É importante ressaltar que a potencialidade do objeto museológico, sendo ele um bem cultural, se afirma pela totalização dos dados em que ele carrega com seus atributos. Seja ela seus materiais, suas técnicas, seu uso cotidiano, suas funções, alterações e seus valores sendo ele simbólico, histórico e científicos. Isto é essencial para o objeto como testemunha da cultura material.

2- O CATOLICISMO BAIANO E SUAS PRÁTICAS RELIGIOSAS DA IGREJA, RELIGIOSIDADE NO PERÍODO COLONIAL.

Para falar do catolicismo baiano antes temos que entender a estrutura da igreja onde se originou a criação do templo, um pouco de sua história e o uso das imagens sacras, pois isto é marcante ainda hoje nas Igrejas baianas, a suntuosidade e devoção solene aos santos sendo de grande relevância. Pois os sinos são muito utilizados pelos seus devotos. E veremos a estrutura da igreja católica até o período colonial, onde falaremos da Igreja Católica na Bahia.

No segundo livro da Bíblia, no Antigo Testamento temos o Êxodo e, olhando o capítulo 25 temos as prescrições referentes à construção do santuário e aos seus ministros. Deus pede ao seu povo que lhe faça um santuário, então ele adverte que o povo eleito fará tudo conforme seus ensinamentos, ele descreve em primeiro, sobre a tenda e sua mobília referindo também sobre a Arca. Explica como deve ser a mesa dos pães da oblação, sendo ela de madeira de acácia e recoberta de ouro puro, Refere-se ao candelabro fabricado de ouro puro, especificando que a sua haste será em relevo e cálices, botões e flores comporão um só objeto. No capítulo 26 fala sobre as cortinas e os estofos, tendo o número exato de dez cortinas, o templo de linho com cores variadas sendo: púrpura, violeta escarlata e carmesim e, ainda relata que terão as cortinas querubins bordados. No capítulo 27, é relatado como será o altar dos holocaustos⁵, este de madeira de acácia, sendo quadrado, tendo em cada lado um chifre, será recoberto de bronze e possuindo recipientes para recolher a gordura incinerada. Vemos também, no capítulo 28 sobre a confecção do manto, que terá em cada borda dele uma campainha de ouro, isto para que ao vestir Aarão possa officiar e quando entrar no santuário e quando sair faça ruídos.

Na Bíblia, vemos a preocupação em preparar o ambiente sagrado desde os velhos patriarcas, pois o culto era feito ao ar livre e já aconteciam holocaustos. Nesta época, o objeto de preocupação era a construção do altar de pedra. E assim como vimos no Êxodo, surge a Arca da Aliança, podemos observar nestes capítulos prescrições detalhadas de como construir um templo e os primeiros usos de companhias, vendo também, seus objetos e vestes relembrando a Arte Sacra e seu contexto no culto divino.

Com ajuda da história, podemos rever que no ano 70 depois Cristo, o templo de Jerusalém foi destruído Este construído na época de Esdras e Neemias há 550 anos, antes

⁵ Holocaustos: Sacrifícios praticados pelos antigos hebreus, em que a vítima era inteiramente queimada.

de Cristo. Hoje, o que resta dele é o muro das lamentações. Com o passar dos tempos podemos observar as mudanças dos templos e, futuramente, suas modificações e novos métodos de arquitetura cristã. Vemos também, a importância das imagens sacras no culto cristão entre elas as Imagens da Virgem Maria, dos anjos e dos Santos.

“A iconografia é um elemento peculiar para a decoração do espaço cristão”. O cristianismo não é uma religião inteiramente abstrata, com concepção divina transcendental, mas a religião de um Deus que se encarnou no seio de uma mulher. Existe no cristianismo uma relação entre estes dois pólos, a saber, o divino transcendental e o humano térreo. Conforme São João Damasceno (+749) as imagens são imprescindíveis para a fé cristã, ao ponto de ele afirmar que negar as imagens é negar a própria Encarnação do Verbo Divino.” (SCOMPARIM, 2008, p.11)

Podemos perceber que não é muito difícil, saber exatamente quando surgiram as imagens sacras utilizadas nas primeiras Igrejas cristãs. Portanto estas sempre foram usadas. Observamos também, que logo no início da cristandade não eram utilizadas, mas, depois, foram sendo incorporadas nos ritos e ganharam espaços nas Igrejas. Ao longo da história, vemos que o culto às imagens passou por muitas etapas, na maioria dos casos servia para ilustrar passagens da Bíblia sendo uma forma de catequese. Quando esta aceitação do uso de imagens sacra ganha corpo existiu também aqueles que eram contra o uso destas e vemos a luta iconoclasta.

“O iconoclasmo é o nome que se dá à repressão violenta promovida pelos imperadores bizantinos ao culto de imagens, que durou mais de um século e que fez incontáveis vítimas. (...) A iconoclastia começou com o Edito de Leão III que proibia o culto de imagens. A história da luta iconoclasta conheceu dois períodos. O marco divisor desses dois períodos é II Concílio de Nicéia, convocando pela Imperatriz Irene (787), que restabelece o culto aos ícones.” (SCOMPARIM, 2008, p.11)

Olhando a história da Igreja como arquitetura, vemos que o campanário não era utilizado nos primórdios da construção de um templo. Assim, nas igrejas mais conhecidas, não existia o campanário, e aquelas Igrejas que possuíam torres não utilizavam para colocar sinos; futuramente vai ganhando este sentido, até que atualmente, não se entende uma torre de igreja sem sino.

Podemos destacar a arquitetura jesuítica neste contexto. Pois no Brasil colônia, os jesuítas foram um dos primeiros a catequizar e a construir igrejas em território baiano. Logo no início de suas construções em outros países, vemos a ausência de torres em certos lugares que se tornam particularmente, uma característica e é diferente das igrejas do Brasil e Portugal, que possuem torres. Em Portugal, observamos dois tipos de torres: no Porto vemos a integração da torre no corpo da Igreja sendo uma só estrutura, já em Coimbra destaca-se o campanário posto atrás de volutas dando menos ênfase aos sinos. Na Igreja de Gesú de Vignola e São Vicente, construída em 1568 em Roma, destaca-se o campanário ligado e não independente do conjunto, sendo este projetado separadamente, como é uma igreja maneirista, seu estilo era de permitir duas torres em sua fachada; sendo esta igreja uma reinterpretação maneirista do modelo renascentista.

Sobre o simbolismo da torre notamos, a presença da Virgem Maria e da igreja nomeando liturgicamente como “Torre de Davi”, encontrada no Cântico dos Cânticos capítulo quatro versículo quatro.

Falar da Igreja Católica na Bahia, no período colonial, quando o Brasil era simplesmente uma grande colônia subordinada a Portugal, é falar num lugar que a religião oficial adotada pelo Estado era a Católica Romana e aquele que era contra ou não seguia os preceitos desta religião era punido. Pois sabemos que o sistema vigente na época era o padroado, ou seja, a união da Igreja e Estado. Percebemos também, que a cultura e religião eram fortemente marcadas pela presença de índios e negros africanos.

Sobre a utilização dos sinos, eram visto e ainda hoje nós temos essa herança de usá-los para saudar os santos de devoção e os patronos do lugar. Podemos fazer esta ligação entre a devoção e o uso dos sinos. O sino, como já foi visto, é um objeto que transmite comunicação aos fiéis de determinada comunidade, para anunciar as festas, para chamar para as novenas que nada mais é de que nove dias em preparação para a festa do padroeiro e missas referentes ao santo tocavam os sinos. Os momentos mais utilizados eram na madrugada do início das novenas, em que os sinos repicavam e despertavam toda a sociedade, avisando que estavam iniciando as festas a determinado santo. Outro momento importante é quando se utilizava o sino, nos horários importantes do dia como às seis da manhã, fazendo alusão que Deus chama ao trabalho, ao meio dia significando que a metade do dia já passou e que era o momento em que os ponteiros do relógio se uniam e apontavam para o céu, e às seis da tarde é a hora do ângelus no popular hora da Ave Maria, momento em que o verbo de Deus se encarnou. Acontecem também, as chamadas para a procissão que acontecem para chamar os fiéis para as práticas públicas de fé; toques

de sinos muito importantes acontecem no próprio momento da procissão, em que as imagens saem das Igrejas conduzidas pelos fiéis e em seus andores enfeitados com as mais variadas flores, culmina com os repiques, comunicando à população o êxtase da devoção. Geralmente é tocado o sino quando as imagens saem da igreja, variando de acordo com o local se o repique será até a chegada do santo ou após seguir a procissão, quando retornar à igreja o sino repique outra vez.

Vemos mais expressivamente, a partir de certo momento no Brasil colonial, quando a fé estava presente em seu solo. Para fortalecer esta fé iam se construindo igrejas e a maior promotora para estas construções eram as Irmandades. Cada Irmandade, grupo de devoção a determinado santo, foi tendo seu próprio espaço e outras confrarias e devoções que não podiam construir sua própria igreja ficavam instalados numa igreja pertencente à outra irmandade e tinham um altar lateral para o culto de seu santo. Percebemos que isso também acontece com o sino, pois cada irmandade possuía ou mandava fabricar seu próprio sino, este para uso nas solenidades do santo da irmandade e para dobres fúnebres para a morte de seus irmãos. Caso a irmandade como já citado fosse instalada numa igreja pertencente à outra denominação a mesma coisa aconteceria com o sino, ela utilizaria este com permissão. Em outros casos, para se usar o sino de outra irmandade costumava-se pagar para utilizá-lo.

Notamos também que cada sino era identificado por possuir na sua campânula⁶ a figura do patrono da Irmandade, sabemos que estas eram as maiores compradoras de sinos, tanto que estes serviam para abrilhantar suas festividades e tornavam seus atos de maneira geral mais solene. Um costume muito utilizado na época era o batismo do sino, antes da irmandade coloca-lo na igreja ela pedia para o bispo batiza-lo. Era uma cerimônia reservada e voltada como já disse ao bispo e somente aos padres tinham o direito do manuseio, especialmente os frades e monges das ordens religiosas. Mas com o acúmulo de funções, para estes se teve de reservar esta função para os leigos, o qual é denominado sineiro.

O batismo do sino era um ato solene. Reuniam-se os fiéis em trono do sino, suspenso a alguns metros acima do chão, perto do sino se colocava água, sal, os santos óleos, incenso, a mirra e o turíbulo aceso. O bispo apresentava-se para a comunidade em trajes litúrgicos, acompanhados de padres e do padrinho e madrinha do sino. Depois de cantar sete salmos que exaltam o poder de Deus e, num contraste tocante, o bispo benzia a

⁶ Campânula: Objeto em forma de sino.

água e aspergia sobre o sino, ao qual conferia o poder e a missão de afastar de todos os lugares, onde o seu timbre chegar, todas as más influências e todo o laço demoníaco como também as calamidades e tudo o que pode ser ruim para o ser humano. Em seguida o diácono ou sacristão com a água benta lava o sino, por dentro e por fora, e o enxugam. Logo depois se recitava os salmos finais, em seguida o bispo ungia o sino fazendo o sinal da cruz, logo fazia sete sinais da cruz com o óleo dos enfermos no exterior do sino simbolizando os quatro sinais que é a agilidade, a clareza, a sutileza, e a impassibilidade. Em seguida, o bispo incensava o sino com o turíbulo e incensava também o seu interior. Cabia aos padrinhos escolherem o nome do sino em geral era colocado um nome de algum Santo. Após o término da cerimônia, proclamava o evangelho e o meditava. Terminado o batismo procuravam coloca-lo em destaque na torre ou no lugar reservado para o sino.

Podemos perceber sobre a religiosidade uma diferença muito grande entre as cidades e capitais e o interior, zona rural. Vemos que o maior número do clero se concentrava nas cidades e na capital, tendo assim, com o passar do tempo, o cuidado de tentar fazer algumas reformas e trazer os fiéis para a ortodoxia da igreja, sendo que eram muito fortes as práticas populares existentes. Já o catolicismo do interior tinha uma expressão totalmente diferente das praticadas na capital.

O catolicismo praticado na época não era só para religião, mas sim, para controlar a sociedade, tendo que cumprir algumas obrigações impostas pela igreja como jejum e abstinência, os sinos tinham este papel de coordenar o dia para os fiéis, portanto marcando as horas e lembrando as horas litúrgicas, faziam com que a sociedade da época seguisse os momentos de oração e toda a sociedade estaria em comunhão com a igreja. Ouvir missas em dias santificados e ter participação constante nos sacramentos oferecidos pela igreja como confissão e comunhão. Logo, no campo era difícil seguir estes ensinamentos diariamente, pois a presença de sacerdotes era escassa, a população, então, criava outros hábitos de estar em comunhão com Deus; ao invés de missa para os santos de devoção, faziam novenas e rezas próprias do culto ao santo. Um fator importante nestes tipos de devoção é que não se distanciavam da Igreja, pois, quando era possível, participavam de missas e a comunhão era tida como maior sacramento por essas pessoas. O costume da maioria das casas era conter um altar com utensílios que favorecem a celebração da missa nas casas, contendo, nesses altares: sinos, cálices, ostensórios, ambulas entre outros.

Neste contexto, podemos relatar sobre a intimidade dos fiéis com os santos de devoção. Estas devoções eram nascidas nos seios familiares ou na coletividade, entre pessoas que têm algo em comum, como uma profissão uma classe social ou até sua

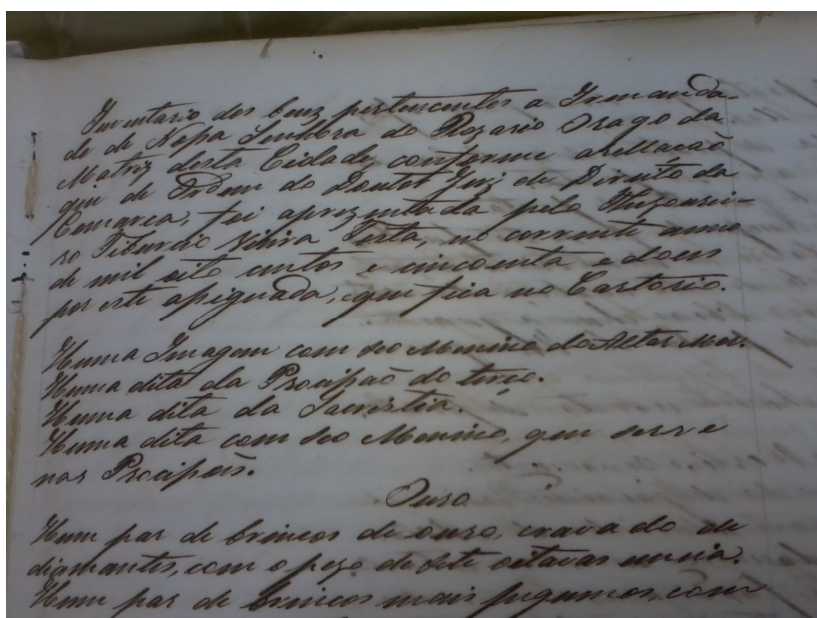
determinada cor ou raça. Assim, foram difundindo no Brasil as conhecidas irmandades, confrarias e ordens terceiras já existentes na Europa.

“As confrarias, divididas principalmente em Irmandades e Ordens Terceiras, existiam em Portugal desde o século XVIII pelo menos, dedicando-se obras de caridade voltadas para seus próprios membros ou para pessoas carentes não associadas. Tanto as irmandades quando as ordens terceiras, embora recebessem religiosos, eram formadas sobretudo por leigos, mas últimas se associavam a ordens religiosas conventuais (franciscana, dominicana, carmelita), daí se originando seu maior prestígio. As irmandades comuns foram bem mais numerosas. Da metrópole se espalhou para o Império Ultramarino, o Brasil inclusive, o modelo básico dessas organizações. Para que uma confraria funcionasse, precisava encontrar igreja que a acolhesse, ou construir a sua, e ter aprovado seu estatuto ou compromisso pelas autoridades eclesiásticas.” (MATOZO,1992,p.49)

Vale resaltar que no século XVIII, as irmandades estavam no auge de seu tempo, pois toda pessoa que queria ou que se identificava com determinado grupo tinha a necessidade de fazer parte de uma Irmandade. Elas eram responsáveis pela elevação do nome e do poder de seus integrantes e, também, eram proprietárias da maioria dos cemitérios; assim, era responsabilidade da irmandade enterrar seus irmãos e na maioria das vezes as Irmandades iam enricando, porque o irmão falecido sempre deixava uma parte da herança para a Irmandade ou um imóvel, um grande exemplo é a Santa Casa de Misericórdia que até hoje possui inúmeros imóveis em suas proximidades. Vemos que algumas destas eram divididas por raças como exemplo temos, na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, que só aceitava membros que fossem “limpo de sangue”, conseqüentemente, era para brancos abastados, O Rosário dos pretos, Nossa Senhora da Conceição dos homens pardos. Também vemos associações que eram relacionadas à profissão do irmão como: Irmandade de Santa Cecília da Igreja da Conceição da Praia que era para músicos. Em Cachoeira, podemos observar diversas irmandades que se originaram neste período, uma delas especificamente era para homens de cor negra, nascidos na África, como reza no seu compromisso a Irmandade do Bom Jesus dos Martírios. E outra, que era tida como uma das mais ricas, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, orago⁷ da Cachoeira esta tendo sua sede na Igreja Matriz da cidade.

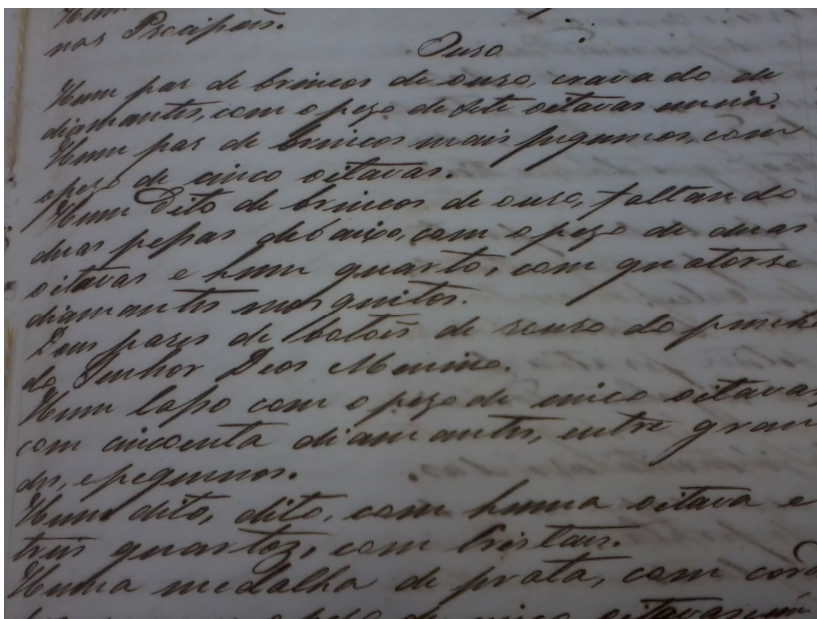
⁷ Orago: Santo a quem se dedica um templo ou uma capela; padroeiro.

Segundo consta o inventário da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que foi consultado no Arquivo Público da Bahia, o mesmo mostra uma declaração feita pelo tesoureiro da dita Irmandade, Tinbuncio Tosta, observamos a suntuosidade em que as Irmandades mantinham seus santos e suas igrejas através de registros encontramos o seguinte: três pares de brincos de ouro, sendo que um é cravejado de diamantes, dois pares de botões ouro pertencente às vestes do Menino Jesus, uma medalha de prata com um cordão de ouro, dois rosários com uma cruz de ouro, uma coroa de ouro grande, seis castiçais grandes de prata de banqueta⁸, duas cruzes e duas varas de prata, entre outros utensílios de prata e ouro. No mobiliário e ornamentos, temos, por encomenda da irmandade, dois arcazes de jacarandá para uso na sacristia, e oito castiçais de madeira dourados.



Fonte: Marcos Santana, 2013.

⁸ Banqueta: Degrau recuado sobre o altar, onde, ladeando a cruz, colocando-se dois ou seis castiçais com velas que se acendem para a celebração da missa.



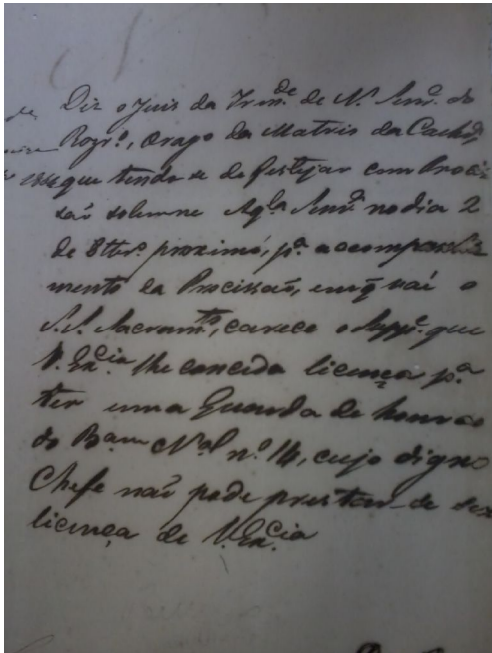
Fonte: Marcos Santana, 2013.

As irmandades eram muito conhecidas também pelas festas barrocas, que faziam em homenagem a seus santos de devoção e padroeiros. O início da festa era marcado pelas salvas de tiros e repiques festivos de sinos, avisando a toda sociedade que se iniciará os louvores para Deus com as festividades do determinado santo. Era comum, nestas festas, o exagero em todos os detalhes da comemoração, havia muitas flores nos altares, muitos andores⁹ com diversos santos e outros de especial devoção da irmandade ou que têm algo a ver com o santo padroeiro daquela, muita comida, bebida, inclusive daí começa a parte que é conhecida como festa profana. Eram festas marcadas por muita pompa e, cada vez maior e rica, a festa mais importante e destacada era a Irmandade. No Arquivo Público da Bahia, vemos um ofício escrito pelo juiz da Irmandade do Rosário, Doutor Norberto Francisco, que revela como era as procissões do século XIX; percebemos, deste modo, a pompa das festividades da época.

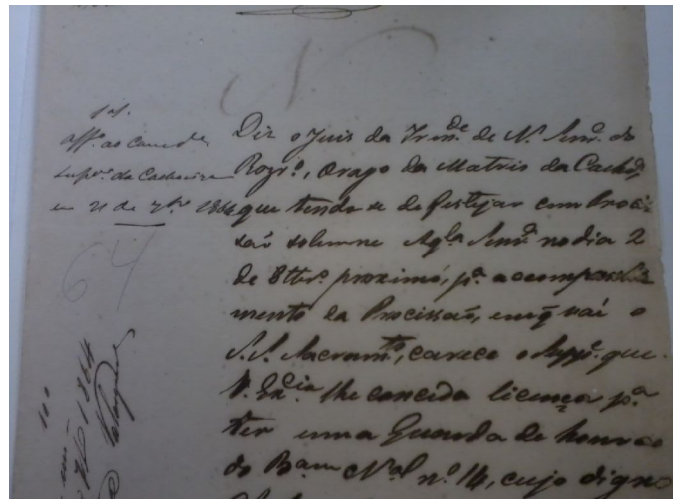
“Diz o Juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Orago da Matriz da Cachoeira, que tendo de festejar com procissão solene Aquela Senhora no dia 02 de outubro próximo, para o acompanhamento da procissão em que vai o Santíssimo Sacramento carece o juiz que vossa excelência lhe conceda licença para ter uma guarda de honra (...), cujo digno chefe não

⁹ Andor: padiola ornamentada em que se transportam imagens sacras nas procissões.

pode prestar de licença de vossa Excelência.” (ARQUIVO PUBLICO, 1852, s/n)

A snippet of a handwritten document in cursive script. The text is partially visible and reads: "Dir o Juiz da Trm. de M. S. do", "Roj.º, Orago da Matris da Cadeia", "que tenda a de festejar em broa", "saõ solenne Agla. S.ª no dia 2", "de 8.º proximo, p.º a acompanhar", "mente la Procissão, em q. vai o", "V.º. Acrom.º, e os app. que", "p.º. se lhe conceda licença p.º", "ter uma Guarnida de honras", "do Bam.º n.º 14, cujo digno", "Chefe não pode prestar de sua", "licença de M.ª."

Fonte: Marcos Santana, 2013.

A snippet of a handwritten document in cursive script, similar to the one on the left. It includes the text: "Dir o Juiz da Trm. de M. S. do", "Roj.º, Orago da Matris da Cadeia", "que tenda a de festejar em broa", "saõ solenne Agla. S.ª no dia 2", "de 8.º proximo, p.º a acompanhar", "mente la Procissão, em q. vai o", "V.º. Acrom.º, e os app. que", "p.º. se lhe conceda licença p.º", "ter uma Guarnida de honras", "do Bam.º n.º 14, cujo digno". There are some additional markings and a signature on the left side of the snippet.

Fonte: Marcos Santana, 2013.

Observamos, neste contexto, que as festividades relacionadas aos santos eram muito concorridas, tendo herdado do país colonizador estas devoções. A sociedade é marcada e controlada pela igreja, sendo ela que prevalece diante do Estado, criando no futuro, o término do padroado.

“Nessa visão barroca do catolicismo, o santo não se contenta com a prece individual. Sua intercessão será tão mais eficaz quanto maior for a capacidade dos indivíduos de se unirem para homenageá-lo de maneira espetacular. Para receber força do santo, deve o devoto fortalecê-lo com festas em seu louvor, festas que representam exatamente um ritual de intercâmbio de energias entre homens e divindades. Enquanto ideologia, a religião era então coisa dos doutores da igreja, cabia aos irmãos o lado ‘emblemático’ e mágico da religião” (MATOZO, 1992, p.61)

A partir do século XIX, começa o enfraquecimento do padroado, surgem enfrentamentos e isso termina com a separação entre a Igreja e Estado. A Igreja agora tendo mais autonomia, começa a interferir nas práticas dos fiéis. Um exemplo disso é esta forma exagerada de venerar os santos de devoção, sendo que por muito tempo, ela tolerou diversas práticas e depois, começa a repensar como trazê-los diretamente para a ortodoxia.

3- OS SINOS DA MATRIZ, HISTÓRIA, UTILIZAÇÃO, E COMUNIDADE.

3.1-Contexto histórico



Fonte: Tito Garcez

Neste terceiro capítulo, iremos abordar a religiosidade existente na cidade de Cachoeira, revelando a história da comunidade, suas memórias e onde é desvendado o papel do sino em determinados momentos da vida religiosa de Cachoeira, olhando, especificamente, os sinos da Igreja Matriz.

A Bahia como em muitos lugares do Brasil possui muitas cidades que guardam suas histórias, que possuem uma identidade própria e tentam salvaguardar, o que possuem de mais sagrado: sua memória. Uma das principais cidades históricas que temos na Bahia é Cachoeira, situada a 110 km da capital Salvador, guarda verdadeiros tesouros: como os artistas que se orgulham de sua terra pintando as paisagens da heróica Cachoeira, na religião vemos diversas Irmandades, Ordens e Confrarias que, com seu catolicismo barroco português, embelezam as cerimônias católicas romanas da cidade, entre outros fatores.

Cachoeira é uma cidade importante por receber o título de cidade Heróica, pois seus filhos no ano de 1822 lutaram pela independência do Brasil contra os portugueses, e mesmo ameaçada de ser invadida, não se curvou ao poder dominador, e com brado heróico de seus filhos venceram esta batalha. Singular é sua importância, pois, sendo uma das

primeiras câmaras que proclamaram D. Pedro I como príncipe regente do Brasil, e assim ficando marcada na história como se canta no Hino *“Reviver terra heroica e veemente que com sangue denodo e vangloria escreveste teu nome eloquente nos anais de ouro eterno superno da historia”*. Podemos assim perceber, sua distinção na História Brasileira.

Cachoeira também se destaca por possuir, em sua cultura, fortes heranças africanas em seus costumes e crenças. Como conta a História, Cachoeira é desbravada nos fins do século XVI e sua colonização começa a partir do século XVII, com a Família Dias Adorno e Rodrigues Martins; a escravidão faz parte do contexto da futura Vila de Nossa Senhora do Rosário do porto da Cachoeira, pois os negros, de certa forma, ajudaram na estruturação do povoado e, em suas vindas da África para o Brasil, trouxeram elementos muito importantes: sua identidade e cultura, que até os dias atuais é visualizada pelos que pesquisam a cultura afro-brasileira.

Podemos destacar, sobretudo, o conjunto de casarios e sobrados em estilo colonial que enriquecem Cachoeira. Alguns ainda pertencentes à famílias tradicionais da terra, mantendo ainda com distinção, em muitas destas casas: mobiliário, prataria e louçaria, o que revela o cunho tradicional da cidade. Vemos também, muitas igrejas que ainda não foram descaracterizadas, justo pela ação dos órgãos federais de salvaguarda e empenho da sociedade cachoeirana como Irmandades e Clérigos, para que não perdessem o estilo original interviram, opondo-se a novos estilos predominantes. Entre estas podemos destacar a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, porque mesmo com a moda da época do estilo Neoclássico, em que o Barroco era tido como estilo ultrapassado e carregado, esta referida igreja se manteve em sua originalidade preservando seus altares em Estilo Barroco.

Não podemos falar de patrimônio material sem entender o patrimônio imaterial, pois os ensinamentos e o modo de fazer de determinada geração influenciaram e influência em muitos aspectos a cultura do povo cachoeirano.

Para que nossas tradições e relíquias não se destruam com o tempo ou na memória de muitas pessoas que, diretamente ou indiretamente, estão ligadas à cultura de Cachoeira, tentaremos criar mecanismos de salvaguarda, através dos registros e pesquisas um patrimônio material, no qual o toque dos sinos emerge como uma longa tradição, que vem desde a antiguidade, em sua criação e é utilizado até os dias de hoje como na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário como objeto detentor de comunicação entre Deus e a comunidade.

Como é muito peculiar nas cidades anosas, podemos notar em Cachoeira que são pontos de referências as torres das igrejas, podendo, assim, se situar em que local da cidade se encontra. A diversidade de torres e toques de sinos de suas anosas igrejas são marcos da religiosidade e ancestralidade da cidade.

Expandindo nossas informações, notamos a grande importância para as igrejas do período colonial, como a Igreja Matriz de Cachoeira, datada do início da sua construção em 1690 e finalização das obras pouco mais que 1740. Abrangemos, também, que os sinos despertam a curiosidade da população e turistas, percebendo a comunicação da comunidade com o catolicismo local.

Observando o campanário da Igreja Matriz, uma torre contendo três sinos, a chamada torre sineira, e outra contendo dois sinos, chamada torre de relógio, azulejos adornando a torre em estilo piramidal, a elegância e imponência do espaço que abriga estes aparelhos musicais sacros, um procedimento forte da arte religiosa na Bahia.

Outro fator importante é olharmos a cidade de Cachoeira como uma cidade tombada, pois preservando seus aspectos históricos e monumentais, também precisa intervir na salvaguarda de seu patrimônio imaterial, assim a Igreja Matriz está num contexto histórico carregado de conhecimentos e intervenções humanas que dão sentido ao seu caráter material do bem.

“A cidade antiga, como figura museal, ameaçada de desaparecimento, é concebida como um objeto raro, frágil, precioso para a arte e para a história e que, como as obras conservadas nos museu, deve ser colocadas fora do circuito da vida. Tornando-se histórica, ela perde sua historicidade Essa concepção de cidade histórica fora preparada por gerações de viajantes, cientistas ou atletas. Os arqueólogos, que descobriam as cidades mortas da antiguidade. Assim como os autores de guias e de *ciceroni*, que dividiam o mundo da arte europeia em fatias urbanas, contribuíram para que se pudesse pensar na museificação da cidade antiga” (CHOAY,2001,p.191,192)

Percebemos que as peças e obras de arte que estão num museu, algum dia fizeram parte de um contexto, perdendo assim sua historicidade. Pois estas obras estão fora do contexto próprio. No caso dos sinos das igrejas, especialmente os sinos da Matriz de Cachoeira, eles estão corretamente enquadrados em seus ambientes de origem, fazendo soar seus toques e transmitindo a comunicação através de seus sons. Notamos que

devemos preservar este conjunto de sons, instrumentos e ambiente natural, verificando que este faz parte do contexto histórico da cidade.

3.2-Devoção a Nossa Senhora do Rosário

A devoção a Nossa Senhora do Rosário em Cachoeira é muito antiga, mais antiga ainda é a origem desta devoção. Certo dia, enquanto o santo patrono dos dominicanos rezava, São Domingos de Gusmão, em sua cela (lugar de recolhimento dos monges e frades), apareceu-lhe uma forma de oração, garantindo-lhe que daria efeitos esplendorosos. Assim nasceu a devoção do Rosário, composto sob a instrução da Santíssima Virgem Maria e que, em pouco tempo, trouxe de volta ao seio da igreja inúmeros pecadores.

São Domingos de Gusmão, afim de eternizar o empenho missionário que começara com tão férteis resultado, fundou a ordem dos irmãos pregadores ou Dominicanos, com a missão de propagar a devoção do saltério de Nossa Senhora, que logo se estendeu por diversos países da Europa.

A Consagração definitiva do Rosário foi por ocasião da famosa batalha de Lepanto, ganha pela cristandade a sete de outubro de 1571. Enquanto a armada cristã lutava desesperadamente contra os turcos, o povo em Roma rezava a oração mariana ensinada por ela mesma, a Virgem Maria. Deste modo, a fim de imortalizar o triunfo das forças cristãs, o Papa Pio V instituiu a Festa à Nossa Senhora das Vitórias, cujo nome foi mudado para Nossa Senhora do Rosário, pelo seu sucessor, o Papa Gregório XIII, que reconheceu que o Rosário era arma da vitória. No século XIX, todo mês de outubro foi dedicado pela Igreja Católica a esta piedosa devoção.

As Irmandades do Rosário na Bahia, desde as primeiras fundações, em meados do século XVII, até o final do século XIX, foram em sua maioria absoluta, controladas por africanos, angolas, brancos e pardos. Este fenômeno indica uma valorização destes espaços sagrados por parte dos líderes, mais do que por qualquer outro grupo. A indicação com as confrarias católicas aponta para a importância do catolicismo na Europa trazido para o Brasil e, ao mesmo tempo, ressalta este elemento como fundamental na constituição de uma identidade particular dentro das comunidades e da sociedade baiana em geral.

Tendo Cachoeira como padroeira Nossa Senhora do Rosário vemos a importância desta devoção para o povo cachoeirano, sua festa é a mais pomposa da cidade inicia-se

com pregão no domingo anterior à festa, acontecem novenas cantadas na matriz geralmente às 20 horas, tendo o ápice da festa o dia 07 de outubro com uma primeira missa pelos fiéis defuntos e como é costume missa solene presidida pelo Arcebispo e, à tarde, procissão com as imagens de Nossa Senhora do Rosário de Roca e São José também de roca, ambas imagens pertencentes à Matriz. Envolve todas as pastorais e Irmandades da cidade, entre elas se destacam a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Esta composta somente de homens, esta devoção especial por ser a da padroeira da cidade e outras Irmandades como Nossa Senhora da Conceição do Monte, Ordem Terceira do Carmo, Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, Irmandade do Divino Espírito Santo com o menino Imperador e Devoção a Nossa Senhora do Amparo.

A devoção nasceu com a Família Dias Adorno, com uma ermida do século XVII que, atualmente é conhecida como Capela da Ajuda. Pois com o aumento de fiéis e crescimento da vila, a pequena matriz de Nossa Senhora do Rosário, construída nos anos de 1595 à 1606 pelo Capitão Álvaro Rodrigues Celestino Adorno é desinstalada e construída uma nova Matriz. Esta maior, contendo mais elementos em imaginária e retábulos passa a ser a nova casa do Orago da Cidade. Sendo assim, a ermida é cedida para a Confraria de São Pedro dos Clérigos, composta somente de sacerdotes que depois entra em extinção.

A então nova Matriz é classificada como da primeira metade do século XVIII, tendo o compromisso da Irmandade do Rosário aprovado por D. João V em 22 de abril de 1749. Sua imagem é instalada no nicho principal do altar mor, ficando acima desta um trono contendo a imagem do Crucificado num nicho superior.



Fonte: Maria Santana, 2013

3.3-Sinos e as duas torres da Matriz

Observando, no geral, os sinos das Igrejas Matrizes e designadamente o sino da Igreja Mater de Cachoeira, vemos nitidamente, o objeto mediador. Segundo Abraham Moles o objeto interfere visivelmente como uma extensão do ato humano (MOLES, 1981, p. 9). Este se torna um mensageiro social, neste caso o sino, que é detentor da comunicação, entra como comunicador entre os homens e a sociedade, passando a ser um elemento essencial do nosso ambiente, que intervém como um prolongamento do ato do ser humano como uma ferramenta, instrumento de ação.

“O campanário, que se revestiu de grande importância ao longo das épocas, não é um elemento primitivo da arquitetura cristã. Nas igrejas mais antigas conhecidas, não existia campanário. As torres que se observam nas de Ravena e da Síria não se destinaram a conter sinos. Na realidade, a sua finalidade não está bem esclarecida. Só mais tarde se difundiu o costume de construir torres e colocar-lhes sinos.” (HANY, s/n, p.71)

Então, vemos que a presença de torres no início das igrejas não era para a mesma finalidade de hoje, servindo para colocar sinos e transmitir à cristandade as horas litúrgicas, notícias relacionadas a acontecimentos na sociedade e funções diversas, mas sim, com outros objetivos. Lemos na história que a torre nasceu para ser local de fácil visualização, sobretudo, alto para se vigiar um espaço determinado e observar a presença dos inimigos, tendo uma sentinela em seu pico para vigiar os arredores.

O sino aparece com importância para a sociedade em suas contínuas mudanças, mesmo sendo construtor do espaço cotidiano, sobretudo por estar num local distinto, emitindo toques e sons, uma espécie de regras de comunicação social. Percebemos que em diversos lugares, e especificamente Cachoeira, os sineiros têm sua linguagem própria, significando assim, que cada sineiro tem seu toque e é perceptível para quem ouve e observa as diferenças de quem manuseia o sino, contendo desta maneira, muitos valores. Podemos assim perceber as diversas qualidades dadas ao instrumento sino, desde quem o manuseia e a quem o escuta. O objeto mediador social tornou-se essencial ao corpo social, este serve de mediador entre situações e os atos, assumindo uma função: ferramentas e produtos.

Considerável também é que o sino é detentor do patrimônio tanto material como imaterial, pois os sinos citados são datados de 1793 e 1830, portadores de relevados

valores, citados por Alois Riegl (2006) como: valor histórico que não ganha sentido por si próprio pelo objeto, mas pela intervenção humana; valor de antiguidade definido como estilo não moderno. O sino enquadra-se neste sentido, por ser um objeto anoso herdado de gerações passadas; valor de uso relatado que não deverá conter riscos à sociedade e como temos o uso diariamente temos, que cuidar para que os agentes naturais não degradem. Para se explicar a importância deste projeto, vemos que Cachoeira se configura como uma cidade com interessante valor histórico e percebemos a necessidade de proteção ao patrimônio arquitetônico, que é integrado perfeitamente à paisagem natural. Em lugar privilegiado do centro histórico, na antiga Rua da Matriz (Atual Ana Nery), encontra-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, quinta igreja construída no município, templo sede da Cachoeira católica.



Fonte: Autor, 2013.



Fonte: Autor, 2013.

A Matriz Cachoeirana possui várias obras artísticas de valor arquitetônico, escultural e pictórico, das quais os sinos da Matriz e seus toques instalados nas duas torres desta igreja. Buscamos entender, registrar e identificar a importância destes instrumentos sonoros que fazem parte da história de Cachoeira.

Segundo Maria Inês Cândido (2006), a apropriação do conhecimento é que cria o sistema documental. Isto significa dizer que o pesquisador não faz o documento falar; é o pesquisador que fala, e a explicação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala, como em qualquer outra pesquisa histórica. Vemos assim, que a pesquisa deve ser bem criteriosa, contendo por menores e detalhes, para que se consiga descrever os toques e sua significância.

Exploraremos estes toques no cotidiano da igreja matriz, observando seu controle tanto com os funcionários da igreja como os benfeitores administrando, os toques e a mão de obra daqueles que se encarregam em dar corda ao relógio.

Perpetuando estes conhecimentos, desde os mais antigos ensinados por pessoas já falecidas, e aqueles que vão se criando a depender das situações, e registrando cada episódio da história em que os sinos foram tocados, e conservando o saber fazer dos sineiros irão fortalecer nossas raízes e expandir mais um campo turístico em nossa cidade, que não irá ser reconhecida só por ter vasto patrimônio material, mas sim, o aspecto imaterial, tornando-se assim, um conjunto de memórias.

A utilização dos sinos na Matriz é quase diária, vemos que, em dia de missa, os sinos da torre sineira tocam duas vezes: uma hora antes da missa e na consagração, variando conforme seja missa solene ou missa seguida de procissão. Atualmente, temos o serviço de uma zeladora e nas solenidades, de jovens que se dispõem a manusear o sino, pois o ponto fundamental para tocar é saber fazer repique.

Observando os sinos da Matriz, analisamos que devemos salvaguardar estes métodos de transmitir comunicação através dos sinos, pois seu modo de fazer revela um verdadeiro patrimônio imaterial. Vendo o sineiro que o ato de tocar sinos em Cachoeira deve transmitir para as futuras gerações, impedindo que não se perca. Vemos também que o tema está amplamente relacionado ao patrimônio material, para que tenhamos os toques do sino, o protagonista da ação deve ser destacado diretamente como objeto mediador.

3.4- Procedimentos de documentação dos sinos

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário possui cinco sinos, dois na torre de relógio e três na torre sineira: podemos observar que, nesta última torre, só funcionam dois sinos, pois o sino mor da frente da Igreja não está rachado, porém falta um pedaço de seu vaso na localidade da borda influenciando em seu toque. O sino maior já citado e o intermediário são datados de 1830 e têm retratada em seus vasos a Imagem de Nossa Senhora do Rosário, mostrando que aqueles dois objetos sonoros são de devoção do Orago da Matriz. Juntamente com esses dois sinos, temos um menor, este, porém mais antigo, pois é datado de 1793, ficando na direção do telhado. Sendo assim, pouco visualizado pelos fiéis. No comum das igrejas da época, sempre se tinha no pico da torre sineira um ornamento uma bandeira ou um galo feito de metal, que simbolizava o anúncio da chegada do Verbo feito carne e sendo, desta forma, simbolicamente transmissor de comunicação. Não temos conhecimento de que a Igreja Matriz da cidade possuía um símbolo deste, geralmente existindo ou não, atualmente não se tem vestígios. Com bases em pesquisas, percebemos que, a partir do século X, as torres iam ganhando um galo acima de sua cobertura era um símbolo muito antigo, pois nos evangelhos, estava ligado à negação de São Pedro.

“O galo tornou-se mesmo a imagem de Cristo em pessoa: Santo Ambrósio chama a Jesus *gallus mysticus*, porque, vencedor das trevas e do inferno, ressuscitou de manhã e nos alerta para as obras da luz. As <<constituições apostólicas>> convidam igualmente os cristãos a orar <<ao canto do galo que alerta para as obras da luz>>. No hino *Aeterne rerum conditor* (ofício de laudas), Santo Ambrósio encontra belos tons poéticos para celebrar o papel espiritual do galo (...)” (HANY, SIN, pp.76,77).

Estando no adro da Matriz, à mão direita se encontra a torre sineira, onde temos uma grade de madeira chamada de sineira que dá acesso à secretaria paroquial, a nave da igreja e principalmente para que ela fosse feita para dar acesso à torre e coro. Chegando ao patamar onde se localiza o coro, na direção da torre, temos três andares com escadas janelas e assoalho, no térreo desta tem o altar do Sagrado Coração de Jesus, devoção do Apostolado da Oração. Vemos no último andar o campanário, onde estão os três sinos, estes seguros em cabeçotes de madeira implantados nas aberturas ou janelas da torre.



Fonte: Autor, 2013.

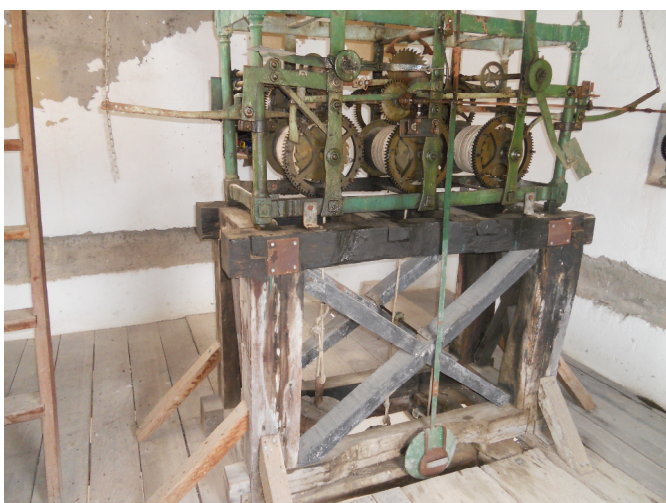


Fonte: Autor, 2013.



Fonte: Autor, 2013.

Sobre a torre do relógio, que fica à esquerda, encontra-se também uma grade sineira que não é mais utilizada, pois existia uma escada que dava acesso independente ao relógio, sua escada atualmente não mais existe, pois foi se deteriorando e acabou sendo retirada, esta dava acesso até o coro. A partir desta retirada, o relojoeiro da Matriz passou a ter acesso ao relógio pela torre sineira onde este fica independente, pois possui uma cópia da chave autorizada pelo pároco. Esta torre é muito parecida com a torre sineira, ela possui três andares, em seu térreo temos o batistério, onde se encontra a fonte batismal toda feita em pedra de lioz portuguesa. A única diferença destas torres é que no centro de cada andar temos uma abertura onde desce os três pesos do relógio. Um peso à direita pertence à parte das horas, o peso à esquerda pertence aos quartos de hora e o peso do centro faz o relógio funcionar marcando o tempo.



Fonte: Autor, 2013.



Fonte: Autor, 2013



Fonte: Autor, 2013.



Fonte: Autor, 2013.

Nesta torre temos no último andar, o sino maior que bate as horas e um menor que bate os quartos. Nestes sinos não temos nenhum motivo, ano ou trabalho escrito somente uma decoração em sua coroa e base. Estes não possuem badalos, porque as batidas são executadas por martelos. Para funcionamento diário do relógio da Matriz, o relojoeiro precisa dar cordas duas vezes por dia, normalmente uma pela manhã e outra ao fim da tarde significando que uma corda dura em torno de quatorze horas. Ficando responsável por este papel, algum integrante da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Orago da Cachoeira. No andar anterior onde estão localizados os sinos tem se propriamente o maquinário do relógio composto de ferramentas engrenagens e utensílios para sua utilização e, na parte exterior, fora da torre temos um mostrador feito em azulejo, contendo a

numeração das horas em algarismo romano e dois ponteiros de ferro um das horas e outro dos quartos de hora. O mostrador está localizado na direção da Praça da Aclamação onde contam os mais antigos que o mostrador estava ali por causa da alta sociedade cachoeirana onde moravam e trabalhavam nesta dita praça.



Fonte: Autor, 2013.

Cada torre possui quatro janelas, possuindo assim a Matriz oito lugares para colocar sinos, utilizando somente cinco lugares. A torre é de estilo piramidal, cada borda possui um pináculo e ao centro possui um.

3.5-Sinos e Estudos específicos

A artificialidade pode estender-se por todos os campos da atividade humana. Porém, o artificial adquire a qualidade artística quando é realizado com a intenção de ser contemplado. Então todo objeto artístico é artificial, mas nem todo objeto artificial pode ser considerado artístico.

Uma obra de arte é portanto, um produto original, elaborado pelo homem artificialmente e com a intenção de comunicar algo. Nisto podemos observar os sinos e, especificamente, alguns sinos da Matriz que foram criados para emitir sons à sociedade e em sua estética possuem símbolos que ornem sua figura. Sendo que estes símbolos comunicam o ano de

seu nascimento, para quem foi feito e a que santo patrono ou padroeiro pertence aquele instrumento.



Fonte: Autor, 2013.



Fonte: Autor, 2013.

O que realmente conferi ao sino como obra de arte é sua qualidade artística e seu valor histórico-cultural e sua configuração formal, como um produto técnico e mental do homem em qualquer momento histórico e geográfico. Mas falando sobre o sino que está suspenso no campanário, vemos também a estrutura física que se mantém à igreja católica. Sobre a estrutura de uma igreja, vemos a composição e a disposição arquitetônica dos templos, que refletem o pensamento canônico que define a igreja como o “corpo místico de Cristo”, por isso sua construção segue o esquema da cruz.

“O templo representa, portanto, em primeiro lugar, o corpo de Cristo. Este símbolo – absolutamente independente do plano cruciforme convém não esquecer – foi, no entanto, magnificamente valorizado por essa forma

arquitectural. É uma concepção muito antiga, tanto no oriente, em Maximo, o confessor, por exemplo, como no ocidente. Honório de Autun, no seu *Espelho do Mundo*, estabelece as seguintes correspondências: o coro representa a cabeça de cristo, a nave o corpo propriamente dito, o transepto os braços e o altar mor o coração, ou seja, o centro da terra. Por seu turno, Durand de Mende escreve: 'A disposição da igreja material representa o corpo humano, porque o cancelo, ou o lugar onde se encontra o altar, representa a cabeça, e a cruz de uma e outra parte os braços e as mãos. Por fim, a outra parte, que se estende o ocidente, representa todo o resto do Corpo'." (HANY, s\,n, pp.55,56)

A orientação da implantação do edifício sacro seguia a posição do nascimento para o pôr do sol. A abside apontava exatamente para o leste que é o sol nascente. Cada ponto cardinal tem sua significação, o norte, que era considerado região de frio e da escuridão, era dedicado as representações do velho testamento; o sul, região da luz e calor, que era consagrado ao novo testamento. A fachada oeste quase sempre foi reservada para a representação do juízo final, onde o sol poente, segundo Emile Male ilumina as grandes cenas do acaso da historia mundial e por isso tornou-se por excelência a região da morte. Em Cachoeira, a utilização dos sinos é constante tanto nos dias comuns do calendário católico, como nas grandes festividades da Igreja. Com uma completa variação de toques e repiques acontece um ciclo de comunicações sendo ações e reações através dos sinos e comunidade. Atualmente, na Igreja Matriz temos poucos voluntários que se disponibilizam para realizar os toques. Com a ajuda da zeladora, Tereza Batista, o sinos da Matriz cachoeirana ainda não silenciaram, percebemos a falta de interesse dos poderes públicos e da própria igreja em salvaguardar os diversos toques que dão sentido a cada tempo do calendário cristão. A história nos conta que eram famosos os toques e sineiros de cachoeira os mais famosos eram os sineiros da Matriz do Carmo e Conceição do Monte, hoje existente somente na matriz.

Atualmente, vemos que os sinos vão perdendo suas funções, com a tecnologia, onde muitos costumes estão se perdendo; podemos dizer que com toda estas transformações também chegaram nos campanários das igrejas e seu uso em determinadas situações do cotidiano das pessoas, um exemplo disso é a utilização de alto falantes e equipamentos que transmitem os sons de sinos por ser mais prático e menos trabalhoso, assim, não se precisa do sineiro para executar toques apropriados e sim ligar o maquinário transmissor de sons. Isso nos mostra que o saber fazer vai se extinguindo e, se não for preservado, irá acabar. Outro fator importante, e é real em Cachoeira, é a falta de interesse de ensinar a variedade de toques para os jovens e transmitir o saber fazer gerado nesta comunidade. Isto acontece

em ambas às partes, faltando pessoas especializadas em ensinar e de interesse da população em aprender.

3.6-Identificações das diferenças dos toques.

Toques de sinos:

Toques de Festas: Estes toques são especiais, portanto são tocados somente em solenidades e festas importantes acontecidas na Igreja Matriz. Segue o sineiro com a introdução de três toques duplos em dois sinos e, depois, um repique no sino grande após um repique no sino pequeno, dados estes dois repiques, acontece um, usando os dois sinos ao mesmo tempo; vale lembrar que, ao término deste, repete-se o mesmo repique individual três vezes em cada sino e no final faz-se a introdução finalizando.

Toques fúnebres: Comumente chamado em Cachoeira de dobre, O sineiro amarra uma corda ou duas, a depender do peso do sino, no cabeçote¹⁰ e puxa-o; aos poucos o sino começa a aumentar seus movimentos fazendo um ângulo de 360 graus, sendo que este não pode girar na torre, o sineiro deve prestar atenção e colocar um esforço adequado para não errar o dobre.

Toques de chamada de missa: Este toque é o mais utilizado na diária da igreja, começa-se com uma introdução como em toques de festa só que o repique não é tão solene, pode-se dizer um repique simples, e o tempo fica de acordo com o esforço do sineiro. Após o repique, finaliza-o com a introdução final, três toques no pequeno e três no grande.

Toques do Santíssimo Sacramento: É utilizado em dois momentos: na consagração, quando o padre santifica as oferendas, o sineiro, antes de começar o toque, espera o sino do altar, pois quem chama o sino da torre é o do altar; o toque é bem compassado e termina com um repique na elevação do cálice.

Toques de Alarme: Este toque não tem ritmo é descompassado, é um repique demorado, porém sem melodia.

¹⁰ Cabeçote: Suporte de madeira que segura o sino na torre.

Toques de relógio e horas litúrgicas: O toque de horas era de acordo com o número da hora marcada pelo relógio: se eram três horas, o sino pequeno batia quatro vezes e o sino maior batia três vezes, o menor indicava o quarto de hora significando os sessenta minutos, quando eram três e quinze batia no pequeno uma pancada, na meia hora duas pancadas e nos quarenta e cinco minutos três pancadas.

3.7- Estudos de memória

Neste estudo de memória trataremos do entendimento e conhecimento dos moradores da comunidade além de algumas pessoas que tiveram ligação direta com os sinos da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e como é visto a sua importância na vida da comunidade.

Percebemos nas entrevistas a relação dos sinos da Igreja Matriz com os paroquianos e a relação desta Igreja com a cidade de Cachoeira, pois o sino não servia somente para a ala católica da cidade, mas sim para avisar aos moradores alguma notícia que seria de máxima importância. Foram entrevistadas em sua maioria pessoas de Cachoeira, essas sendo, paroquianos, beneméritos e religiosos que foram marcados em sua infância pela presença ativa dos toques de sino.

Entrevista 1

1-Nome, Quem é, e de onde veio.

R: Helena Maria Milhazes, solteira, tem 83 anos e sou nascida e criada na cidade heróica de Cachoeira. Nasci no dia 12 de fevereiro de 1930, ano da inauguração da luz elétrica, na cidade. Sou descendente direta do Comendador Português Albino José Milhazes e sua esposa Sylvia Milhazes. Este casal veio de Portugal para Cachoeira e se estabeleceu na cidade como negociante de fumo. Tiveram dois filhos Albino Filho e Constança (ela Helena descendente de Albino Filho).

O Coronel Albino Filho casou-se com Anna de Lima Milhazes e tiveram três filhos Luis José, Albino José e Maria Luiza do Carmo Milhazes, Maria Luiza morreu com 25 anos ficando somente os dois irmãos. Albino José muda-se no ano de 1938 de Cachoeira para o Rio de

Janeiro com sua esposa Celina ficando somente em terras cachoeiranas Luis José, este trabalhava para o governo como Coletor Estadual.

Luis casa-se em 1924 com Ambrosina Acidalia Serra e nessa união tiveram seis filhos: Antonio Luis, Maria Luiza, Anna Sylvia, eu Helena, José Olympio e Maria Ângela. Família tradicionalmente católica, obediente aos ensinamentos da santa madre igreja católica apostólica romana. Minha casa estava sempre de portas abertas para receber os padres, sacerdotes, clérigos da cidade também os religiosos do convento do Carmo e as freiras Sacramentinas, sendo que minha avó era mãe protetora das órfãs filhas de Anna.

2- Como foi sua trajetória na Igreja?

Fui batizada em 19 de março de 1930, estudei no Colégio Santíssimo Sacramento pertencente à Congregação Sacramentinas, fiz minha primeira comunhão no ano de 1936 em 8 de setembro, festa do nascimento da Santíssima Virgem. Frequentávamos a Igreja com minha tia Edith de Souza Gomes, ela pertencia à Confraria do Rosário, ela era rosarista e, como mandava a tradição, cada componente tinha uma criança que representava um anjo nas procissões e festas. Eu era a anjinha da minha tia, começando assim a frequentar a igreja. Na juventude, continuava ajudando na Igreja, participava das festas religiosas e contribuía com a organização de eventos na igreja. Conheci as beatas famosas de Cachoeira, entre elas se destacava Valdomira, Aidil Souza, Esmeralda Actes, Maria José Magalhães, Augusta, Aurélia e Ilda. Naquele tempo ainda funcionava o Convento do Carmo, tendo como Prior o Frei Inácio, que era holandês, já na Matriz tínhamos como pároco o Cônego Augusto Cavalcante de Albuquerque. As celebrações do meu tempo eram muito bonitas e solenes tudo era rezado em latim, com um belíssimo coral que cantava músicas em estilo barroco erudito. Tudo naquele tempo tinha muito decoro e pompa, não se distancia muito de hoje, mais, naquele tempo as pessoas eram verdadeiramente tementes a Deus.

3-Como eram utilizados os sinos no seu tempo de menina?

R: Os sinos mais tocados na cidade eram os da Matriz, estes tocavam anunciando o dia às 6 horas, ao meio dia, às três da tarde e às 18 horas, tocando tradicionalmente o Ângelus. Nos dias de festa, os sinos repicavam festivamente embelezando e, revelando que na cidade, havia festa religiosa e de acordo com determinada igreja de seus santos padroeiros na cidade, tocava-se seus sinos e nós conseguíamos fazer distinção, pois, quando era festa

do monte, tocava-se o sino da Conceição, quando era festa no convento carmelita tocava-se o sino do Carmo.

Quando era dia comum, o toque era mais simples, sem muita demora, diferente dos sinos festivos que tocavam como ponto mais forte nas festas do Rosário, padroeira da cidade e no mês de Maria. O dobre era muito triste, era comum naquele tempo nós em casa e a pouco se ouvir o dobre na matriz “quem morreu?”. O dobre era muito importante usava-se ao meio dia às 3 horas e na hora do sepultamento, sendo que, para este dobre, a família do defunto pagava uma taxa para a igreja, que custava dois mil reis, sendo que variava de acordo com quantas vezes a família queria os dobres dos sinos. Estes toques eram muito sentidos na verdade ele chorava o morto. Já as pessoas que pertenciam à Irmandade do Rosário ou ao Apostolado do Sagrado Coração de Jesus não pagavam esta taxa, pois era obrigação da Paróquia anunciar e chorar o cristão que a muitos anos se dedicou a casa de Deus.

Outro momento que utilizava sino era nas enchentes, da cidade, pois anunciava a chegada da água nas enchentes. No ano de 1940, foi uma das primeiras enchentes que presenciei, foi uma cheia enorme, numa madrugada de março, a cidade desperta com os sinos da Matriz anunciando a chegada da água “– *Blim blim blim o que é isso minha gente? – É a enchente só pode. Algusta bate na porta, chega tia santa a casa encheu*”. Padre Cavalcante veio se hospedar conosco, pois, como moramos num dos lugares mais altos da cidade o bairro do monte as pessoas viam se refugiar aqui.

Já num grande incêndio no ano de 1942, onde hoje funciona o Fórum Augusto Texeira de Freitas, antigamente funcionava uma fabrica de calçados de couro, onde teve repentinamente um incêndio que abalou a cidade, pois era madrugada para ser mais precisa às 3 da manhã, acordamos assustadas com o toque de alarme dado na Matriz o sino, parece que dizia no seu badalar “fogo” pondo a população em polvorosa.

Nós, em casa, dormindo, depois o telefone dispara chamando papai, pois o prédio ao lado era Coletoria. Não tinha corpo de bombeiros na cidade, tinha em Salvador, a população providenciou água e o fogo foi apagado graças à comunidade com seus baldes d'água.

Entrevista 2

1-Nome, Quem é, e de onde veio.

R: Chamo-me Marinalva Menezes de Macedo, sou filha de Manoel Nascimento Menezes e Julia Prado Menezes, meu pai era natural de São Gonçalo dos Campos e minha mãe era de Santo Amaro da Purificação, mas se sentia Cachoeirana. Nasci em Cachoeira no dia 20 de

março de 1949, minha mãe era católica fervorosa, participou das varias irmandades existentes na cidade, como a extinta Irmandade do Senhor Bom Jesus da Paciência, a Ordem Terceira do Carmo e também fazia parte do Apostolado da Oração. Minha mãe era animadora na igreja, cantava como ninguém.

2-Como foi sua trajetória na Igreja?

R: Puxei a minha mãe, muito marcante também era o uso do véu preto que gostava muito. Minha mãe amava as procissões de Cachoeira, não perdia nenhuma. Meu pai faleceu quando eu tinha três anos, não tive muito contato só sei que era católico fervoroso. Com os ensinamentos de minha mãe, perseveramos na fé católica apostólica romana. Naquela época, eu estudei na escola Dom Antonio Monteiro, onde as pessoas chamavam de “A Escola do Padre”. Morava, quando criança, na Rua Treze de Maio onde minha casa ficava em frente ao sobrado que residia o Padre Fernando Carneiro, ele morava, com sua prima Maria Peixoto também com vó Mariquinha, vó Rufina e sua afilhada Lurdes. Meu tio o Senhor Antonio Dias Prado era irmão da minha avó Domingas Dias Prado, mãe de minha mãe. Ele meu tio Antonio era o presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Ele era uma pessoa devotíssima e grande benemérito da Irmandade, sendo zelador desta devoção por muito tempo. Foi ele quem nos ensinou também a ser católicos praticantes.

3- Como eram utilizados os sinos no seu tempo de menina?

R: O sino da Matriz dobrava muito quando morria alguém da cidade, as pessoas já sabiam, ficavam atentas, pois era sinal de que algum cristão tinha se findado. Os dobres eram diferentes entre si, quando morria um papa, o toque era diferente do toque fúnebre de padre e ai sucessivamente. Olhe a boca do sino ficava voltada para cima, quando o dobre acontecia víamos o circuito do sino na torre, quando o sineiro puxava o sino ele batia “Bloom”, quando rachou o sino grande começou a usar o intermediário, lembramo-nos dos tempos antigos em que o sino que dobrava era o maior da Matriz, que fica na frente da igreja, hoje ele está parado, merece passar por uma fundição¹¹ novamente e voltar usá-lo

¹¹ Fundição: O sino é composto de vários materiais que fazem com que seu timbre seja afinado, o que faz um bom sino não é só os materiais utilizados em sua fabricação, mas sim a maneira de confeccioná-lo. Atualmente temos algumas maneiras de confeccionar sinos, mas a maneira mais conhecida na fabricação dos sinos começa inicialmente fazendo um buraco quadrado enorme onde serão assentadas as formas que farão os sinos, sendo que se faz um pedestal de tijolos e acima deste coloca-se a forma do sino, para dar forma a este é preciso fazer um modelo de madeira chamado de chapelona que irá delinear a forma do sino. Este modelo de madeira varia de acordo com o tamanho e altura do sino. Outro fator importante é que o fundidor consegue identificar a

que já não chorava mais como o sino maior. Os sineiros antigos da Matriz eram Xendengue, Braga, Thomas, Antonio de Ju, e José Rosa. Já na festa de Nossa Senhora do Rosário, o sino tocava durante o novenário às seis da manhã, ao meio dia e às seis da noite. Eu sentia uma enorme emoção, porque o sino anunciava os dias de festa da padroeira da cidade. No dia que começava a primeira novena, tinha uma linda alvorada de sinos e foguetes anunciando o primeiro dia. No dia principal, o dia da festa acontecia outra alvorada, esta mais solene que a primeira. Os juizes da Festa do Rosário faziam com que suas festas fossem bem concorridas, se tem noticia que a festa mais pomposa que a cidade já teve foi a de Benedito Luz, os sinos não paravam de repicar e só ouvia na cidade foguetes. Sobre a enchente, quando a água começava a subir o cais, a cidade ficava em festa, o povo se alegrava com o sofrimento e tinha tristeza de muitos que perdiam quase tudo. Começava-se com o anúncio do sino que gritava: “-vem enchente -vem enchente -vem enchente”.

Entrevista 3

1-Nome, Quem é, e de onde veio.

R: Sou Antonia Matos de Santana tenho sessenta e três anos, Filha de Anacleto Alves de Santana e Joana Pimentel de Matos. Meu pai já é falecido, minha mãe tem noventa e sete anos. Moramos em Belém da Cachoeira. Minha família é muito antiga na região, sou bisneta do Capitão da guarda Nacional Augusto Pimentel Coelho. Ele está sepultado numa campa na nave central da Igreja de Jesus Maria e José do Seminário de Belém. Minha infância foi comum como a infância de toda criança do meu tempo. Sempre gostei de me divertir com

nota musical, de acordo com a abertura do diâmetro do sino. O segundo passo coloca-se um mastro de ferro onde irá descer o cobre para a forma que é feita de barro e misturas de terras e depois vai torneando a forma com a chapelona onde vai moldar o sino, após forma pronta se unta a forma com a mistura utilizando água com cinza. Após esta etapa começa a parte do ornato do sino, colocando pequenas figuras de cera em forma de letras e enfeites que futuramente serão os ornamentos do sino colocando-o utilizando cola natural. Após o ornato o molde é pincelado de uma mistura composta de terra preta, pelo animal, gesso e telha moída. Esta cobertura é importante, pois ajudará na gravação do sino impedindo dele trincar. Terminada esta etapa cobre-se o sino com argila pura e torneia-se com a chapelona que é uma taboa de madeira trabalhada num dos lados, que ajuda a tornear o molde do sino. Na parte mais importante para a descida do bronze é tapado este enorme buraco com as formas do sino e para cada forma se tem uma ligação por um canal interligado ao lugar onde está depositado o cobre, que será derretido o material para a liga que é de 80% de cobre e 20% de estanho. Portanto aqui no Brasil é mais usado este material. Passando 24 horas, espera-se o material esfriar e começa-se a escavar os sinos que estavam enterrados. Retirando do lugar é escovado e retira-se o excesso do barro e por fim é lapidado com uma lixa elétrica e depois deste processo estará pronto para usar.

meus irmãos, morávamos num sitio um pouco afastado da vila e quando era tempo de festa da padroeira, meu pai alugava uma casa nesta para nós passarmos as novenas, próximo a Igreja. Minha família sempre foi católica a marca disto é que possuímos imagens de madeira bem antigas. Esta pertencente a nossos antepassados, temos um crucificado com a cruz de jacarandá e com ponteiros de prata e resplendor contendo um rubi, uma Nossa Senhora da Conceição com coroa de prata e outras peças.

2-Como foi sua trajetória na Igreja?

R: Como já disse meus pais eram muito religiosos, meu pai fazia parte da Irmandade da Sagrada Família, Jesus, Maria e José. Ele era juiz da Irmandade, mas hoje ela não existe mais. Cresci num ambiente saudável e feliz e me doou na Igreja Católica de Cachoeira, tocando meu violão no Coral de Belém ajudando assim nas missas. De início começamos cantando e tocando era muito bom. Iamos aos lugares com o padre, tanto Cachoeira na parte religiosa como as festas das comunidades, mas sempre disponibilizando ao máximo o serviço para a Igreja. Lembro-me do meu tempo de menina, quando eu ia para as festas de Belém e via de cá de baixo o coro e o coral majestoso cantando em latim. Pois naquela época só se usava música na missa estilo Erudito, Barroco Musica clássica, quem tocava era Maria José Magalhães conhecida como Dona Zezé. Tinha Tantum Ergo que hoje é o Tão Sublime, tinha Salutare Hóstia, Panis Angelicus, todas as composições de Ave Maria em latim e era muito refinado. Hoje gosto de ajudar no coral da Igreja, pois me fascinou este tempo de minha vida, em que não sabia o significado daquilo e só sabia que era muito bonito.

3- Como eram utilizados os sinos no seu tempo de menina?

R: Olhe muito marcante em minha vida eram os dobres de defunto, estes eram os mais marcantes para nossa casa e família, alguém sempre dizia: “-Gente ouçam o sino é dobre de defunto. - Alguém em Cachoeira morreu. – Deve ser mulher porque o sino tá tocado diferente.” Era verdadeiro luto em casa, todos ficavam tristes mesmo porque antes de alguém dizer quem era só sabíamos que alguém tinha morrido. Estes dobres eram muito sinistros o sino, ficava de cabeça para baixo e com o tempo compassado ele girava na torre fazendo um dobre de cada vez. Quando o papa morreu, ele dobrou de um jeito tão triste que quem tava em casa sabia que aquele dobre não era de gente comum, como se dobrava sempre e sim que estava anunciando a morte de alguém muito importante. O toque do

Santíssimo Sacramento também são bastantes importantes, quando estamos num lugar e quando ouvimos este toque reconhecemos logo “–*Olhe já está na hora da Consagração na Missa, Louvado seja Jesus na Hóstia Santa.*” O toque começa dvagar com bastante sentimento e na hora em que o padre eleva o Cálice Consagrado, o sino dispara fazendo o repique. Eu acho muito interessante que a Igreja conserve o relógio funcionando, porque ele ajuda bastante na organização da vida diária. Ele lembra todos os horários, a cidade fica ritmada a seguir a hora marcada pelo relógio da Matriz, significando que Deus nos lembra as horas e o tempo.

Entrevista 4

1-Nome, Quem é, e de onde veio.

R: Chamo-me Evanilson Caetano Lima, tenho 22 anos, sou filho único, moro no Seminário Central São João Maria Vianney, estou cursando o primeiro ano de Teologia na Universidade Católica de Salvador e estou no quarto ano do Seminário. Fiz esta escolha, pois acredito que Deus me chamou e quis fazer assim esta experiência. Sou filho único de José de Evanildo Silva Lima e Maria Solange Assunção Caetano. Sou Soteropolitano, minha mãe é de Ubatã, fui criado por meus avós paternos: Laura Pinheiro Lima e Evanio José Reis Lima. Após dezesseis anos eles foram morar em laçu e fiquei morando com minha mãe e após o meu discernimento vocacional vim morar no Seminário da Arquidiocese de São Salvador da Bahia no ano 2010.

2-Como foi sua trajetória na Igreja?

R: Comecei minha caminhada indo para os encontros da Catequese da paróquia, e lá fui percebendo que a Igreja Católica tinha algo que me atraía com sua beleza. Quando eu participava da Liturgia me encontrava com o jeito de celebrar do Padre, pois para mim me ligava a algo divino. Quando eu me deparo com os sons dos sinos da Matriz me encanto com as badaladas, sendo que, ressoa e me convida a fazer experiência do Divino e Sagrado, os sons dos sinos, sejam eles para o anúncio das missas, dos dobrados fúnebres, sempre nos levam e nos elevam. Ao ouvir os sons sempre paro e me detenho com uma pessoa que escuta o chamado de Deus, quando às 18 horas os sinos tocam, ou melhor,

quando se ouvi as primeiras pancadas remete-se ao Anúncio do Angelus. Portanto, meu coração como de qualquer outro cristão fica na expectativa de ouvir tão belo toque e cantar o anúncio do ano a “*Ave Maria, Benedicta tu*”. Quando o sino toca o mistério é anunciado e desvelado, o Senhor está no altar e todos devem se ajoelhar porque o Rei dos Reis se deu a conhecer, para a Glória de Deus Pai.

3- Como eram utilizados os sinos no seu tempo de menino?

R: Não me lembro da minha infância relacionada ao serviço do altar com muita expressão na utilização dos sinos, mas posso te relatar minha experiência na atualidade. Penso que um dos toques mais importantes seria o da Consagração, pois este anuncia o mistério na Eucaristia, onde recordamos a paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo que se doou completamente para nossa salvação. Inspirados a cada dia a partir deste mistério revelado, buscamos ser outros Cristos. Por isso este toque é importante, para nos chamar a fazer, uma reverência a tão grande mistério. Outro toque importante são os toques dos horários, onde ajudavam de alguma forma na vida cotidiana das cidades. Portanto, como sabemos a maioria das Igrejas eram construídas nos centros, nas praças e terminavam sendo referencial para aquele povo. Por isso os toques de hora faziam, com que a comunidade tivesse atenção aos seus afazeres religiosos ou não, em função das badaladas dos sinos. Como as pessoas não possuíam relógio utilizavam-se também dos toques, para organização da vida social. Em um dos momentos que marcaram minha relação com sinos, foi quando a Imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré veio do Belém do Pará para Salvador para a Igreja de Nazaré e quando passou a procissão perto do Mosteiro de São Bento, todos os sinos da Igreja reverenciaram a Mãe de Deus repicando solenemente.

Vemos a partir da leitura feita a riqueza própria contida nos toques dos sinos da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira e o compartilhamento de sabedoria daqueles que foram entrevistados. E com esse estudo verificamos que a preservação do patrimônio imaterial relacionado aos toques dos sinos deve ser imediata, portanto registrando a memória dos habitantes de Cachoeira, cuidaremos para que os toques e o entendimento acerca do sino não se acabe e possa se perpetuar por gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da História podemos perceber que a Igreja Católica foi uma das instituições que mais promoveu e propiciou a introdução da arte na vida das pessoas. Ela era utilizada para evangelizar, mas também para ornar seus espaços sagrados. Porém para que a sociedade se adequasse aos momentos importantes da igreja e convocando os fiéis aos serviços religiosos. Tinham como características marcantes os sinos das igrejas e estando no contexto religioso, artístico e monumental eram fundamentais para seus atos.

Concluimos, a partir dos estudos realizados, que os poderes públicos juntamente com a comunidade devem se empenhar de maneira mais intensiva para a conservação do patrimônio imaterial existente. Observamos ao longo do trabalho, que a Igreja Católica de Cachoeira deve se conscientizar e valorizar as suas riquezas, e deste modo dando noção à comunidade, que os toques dos sinos da Matriz são suportes de identidade cultural.

Visando a não descaracterização deste modo de fazer, os órgãos competentes devem proporcionar oficinas, organizar projetos que tornem os jovens de Cachoeira mais próximos deste patrimônio. Observamos também ao longo da pesquisa, que a cidade não conta com a ajuda de voluntários para esta técnica. Sendo que quem faz o sino timbrar é a zeladora da Matriz e uma ou duas pessoas integradas à igreja, fazendo com que a comunidade se aproprie deste patrimônio, iríamos englobar mais olhares e assim difundiríamos assim os toques dos sinos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BIBLIA SAGRADA: **Antigo e Novo Testamento**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. Ed. Ver.atual. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, 309p.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Notas históricas da sala colonial. 1852, p.5-6.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006, p.32-35.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. Ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006. 288p.

FERREIRA, Carmela Werner. **O batismo do sino**. In: Arautos do Evangelho. Ano V, nº 59, São Paulo, 2006.

HANI, Jean. **O Simbolismo do Templo Cristão**. Edições 70 - Lisboa. Distribuído no Brasil: Livraria Martins Fontes. p.71-77.

Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Vol. I. Módulo I – Recôncavo/Cachoeira BA. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. 1994.

OTT, Carlos. **História da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira**. Publicação da UFBA. 82. Gráfica Universitária. Salvador – Bahia, 1978, p.5-20.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. 1994. **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu paulista, História e Cultura Material. São Paulo. 1994, p.3.

MOLES, Abraham A. **Teoria dos objetos**. Edições Tempo Brasileiro – Rio de Janeiro: 1981 p.07- 23.

RIEGL, Alois. **O Culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese**. Editora UCG – Goiânia: 2006, p.69-92.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2009.

RODRIGUES, Diogo; NUNO, Fernando. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. Ed. São Paulo, 2008.

SCOMPARIM, Almir Flávio. **A Iconografia na Igreja Católica**. - São Paulo: Paulus, 2008. p. 10-14.

SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de Souza. **Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar**. – São Paulo: *Estudos Afro-Asiáticos*, 2001. p.3-15.